

**GOSTO, INTERPRETAÇÃO & CRÍTICA**  
Volume 1



**GOSTO, INTERPRETAÇÃO & CRÍTICA**  
Volume 1

Verlaine Freitas  
Rodrigo Duarte  
Giorgia Cecchinato  
Cíntia Vieira da Silva  
*(Orgs.)*



© Relicário Edições

© Autores

CIP –Brasil Catalogação-na-Fonte | Sindicato Nacional dos Editores de Livro, RJ

G682

Gosto, interpretação & crítica / Organizadores Verlaine Freitas... [et al.]. –  
Belo Horizonte: Relicário, 2014.

244 p.

Inclui Bibliografia.

ISBN 978-85-66786-04-0

1. Artes – Crítica e interpretação. 2. Estética. I. Freitas, Verlaine, org. II.  
Duarte, Rodrigo, org. III. Cecchinato, Giorgia, org. IV. Silva, Cíntia  
Vieira da, org. V. Título.

CDD-701.18

#### CONSELHO EDITORIAL

Eduardo Horta Nassif (UFMG)

Ernani Chaves (UFPA)

Guilherme Paoliello (UFOP)

Gustavo Silveira Ribeiro (UFBA)

Luiz Rohden (UNISINOS)

Marco Aurélio Werle (USP)

Markus Schäffauer (Universität Hamburg)

Patrícia Lavelle (EHESS/Paris)

Pedro Sussekind (UFF)

Ricardo Barbosa (UERJ)

Romero Freitas (UFOP)

Virgínia Figueiredo (UFMG)

COORDENAÇÃO EDITORIAL Maíra Nassif Passos

PROJETO GRÁFICO & DIAGRAMAÇÃO Ana C. Bahia

REVISÃO Maria Clara Xavier

RELICÁRIO EDIÇÕES

[www.relicarioedicoes.com](http://www.relicarioedicoes.com)

[contato@relicarioedicoes.com](mailto:contato@relicarioedicoes.com)

## **Apresentação 7**

As Conversões de São Paulo de Caravaggio:  
duas obras, vários enigmas 13

*André Dela Vale*  
*Artieres Estevão Romeiro*  
*Bruno Pucci*

Danto, a crítica do gosto e a crítica da crítica 25

*Bruno Almeida Guimarães*

Sentido, sentimento e natureza: pressupostos para a constituição  
do gosto na estética pré-moderna 37

*Carla Milani Damião*

Francis Bacon pintor do corpo sem órgãos 53

*Cíntia Vieira da Silva*

Sobre as regras do jogo da arte contemporânea:  
da participação à implicação 67

*Fabiola Silva Tasca*

Um potencial político no juízo estético reflexionante: Kant, Hannah  
Arendt e “Pequena Esparta”, de Ian Hamilton Finlay 77

*Fiona Hughes*

A emancipação do espectador, de Nietzsche a Rancière:  
para uma genealogia heterodoxa da política da arte 101

*João Pedro Cachopo*

Gosto e democracia das emoções 113

*Josef Früchtl*

- Desafios da crítica na era dos museus:  
curadoria como exercício relacional **129**  
*Luiz Camillo Osorio*
- As incursões de Foucault pela crítica literária:  
o autor e a obra em questão **141**  
*Marco Antônio Sousa Alves*
- Arte visual como arquitetura em Nicolas Bourriaud:  
sobre comunicação, política e espaço **153**  
*Miguel Gally*
- Prazer estético: um velho (des)conhecido **163**  
*Pedro Dolabela Chagas*
- O conceito de crítica de arte na origem do  
Modernismo brasileiro **175**  
*Pedro Duarte*
- O problema da desmaterialização na arte contemporânea **185**  
*Rachel Cecília de Oliveira Costa*
- Entre a estética nazista e a nova música:  
a ambivalência de Wagner segundo Adorno **195**  
*Rainer Patriota*
- Decifrando tecnoimagens:  
interpretação como crítica em Vilém Flusser **207**  
*Rodrigo Duarte*
- Gosto como crítica  
A implicação necessariamente subjetiva do juízo de gosto **217**  
*Verlaine Freitas*
- David Hume e a necessidade do gosto **229**  
*Vladimir Vieira*
- Sobre os autores e organizadores 241**

## APRESENTAÇÃO

“Nenhuma categoria privilegiada particular (...) define a essência da arte e é suficiente para o juízo acerca dos seus produtos” — essa frase, presente na *Teoria estética* de Theodor Adorno, condensa uma clara percepção de quem se dedica a refletir sobre o fenômeno estético contemporâneo, pois muitas são as fontes da experiência histórica que se sedimenta em cada obra de arte e que serve de ponto de apoio para a análise crítico-filosófica. Trata-se de uma heterogeneidade de fundo que transparece também na pluralidade indefinidamente reiterada como programática no cenário estético contemporâneo. Nesse sentido, a constelação de categorias, temas e problemas na estética perfaz seu campo de força próprio, e a cada vez somos instados a escolher alguns deles para compor um cenário para nossa abordagem.

Este livro investiga três conceitos intimamente relacionados: gosto, interpretação e crítica, que possuem também suas distinções, gravitando em torno de nosso posicionamento valorativo do objeto estético, seja ele uma obra ou evento de arte contemporânea, um produto de indústria cultural ou um objeto da natureza. Todos os três podem ser considerados na polarização entre a postura meramente subjetiva: “cada um tem seu próprio gosto”, e a demanda ou exigência de objetividade: a tarefa de uma crítica de arte. Cada um dos capítulos que se seguem problematiza tais categorias não apenas com base nessas polaridades, mas também no interior de uma análise de crítica social, de leitura de obras de arte específicas, além da sempre necessária exegese de textos clássicos da história da filosofia.

Apesar dos inúmeros percalços em seu percurso histórico, os três conceitos chegaram a esse início do século XXI com potencial para a compreensão de fenômenos culturais contemporâneos e globais, mostrando que eles não apenas sobreviveram ao período histórico de seu aparecimento, mas também extrapolaram o âmbito geográfico em que surgiram.

No que tange ao gosto, observa-se sua gênese enquanto mesclado ao sentimento moral, tal como aparece em Shaftesbury e Huchteson; já em sua primeira formulação essencialmente estética figura recomendado por

David Hume como resultado de uma prática da sensibilidade, no sentido de se atingir certo “padrão” que superaria a potencialmente infinita diversidade de gostos. Na esteira desse esforço teórico pioneiro, porém ainda incipiente de Hume, o gosto é estabelecido por Kant como fundamento de um juízo estético desinteressado, a-conceptual, a-télico, porém universal. Talvez exatamente a postulação dessa universalidade do juízo de gosto por Kant — não menos pelo seu aspecto eminentemente polêmico — tenha sido responsável pela sobrevivência da noção de gosto nas discussões estéticas atuais. Que se recorde, por exemplo, da sua importância na *Estética doméstica* de Clement Greenberg ou mesmo nas discussões sobre a “indústria cultural” por Max Horkheimer e Adorno.

No que concerne à ideia de interpretação, poder-se-ia dizer que, a despeito de sua tradição na filosofia em geral, que remonta à Antiguidade Clássica, sua incorporação pela estética é relativamente recente, datando dos romantismos europeus da primeira metade do século XIX e sendo também tributária da discussão sobre as *Geisteswissenschaften*. A exemplo do que ocorreu com o conceito de gosto, a ideia de interpretação foi reabsorvida em muitas discussões sobre a cultura contemporânea, seja nas diversas modalidades de hermenêutica das obras de arte (por exemplo: Heidegger, Gadamer, Imgarten etc.), seja em concepções com sentido mais amplo como a da psicanálise, de Nietzsche, de Theodor Adorno ou de Arthur Danto.

Em relação à ideia de crítica *lato sensu*, constata-se sua consolidação no apogeu da filosofia moderna, com Kant, não se podendo, por outro lado, desconsiderar também a importante trajetória do conceito de crítica literária, discutido nos círculos culturais europeus desde o século XVII — antes mesmo que a “estética” enquanto disciplina filosófica fosse proposta por Alexander Baumgarten em meados do *settecento*. Mais uma vez, o romantismo de fins do século XVIII e início do XIX desempenhou um papel importante na difusão do conceito de crítica, associado às produções artísticas e, a exemplo dos outros dois conceitos que compõem o tema do congresso que foi ponto de partida para este livro, ele chega ao século XXI com energia suficiente para auxiliar na compreensão de fenômenos culturais e artísticos tipicamente contemporâneos. Exemplos disso podem ser encontrados nas abordagens estéticas feitas pela Teoria Crítica da Sociedade ou ainda no trabalho de pensadores que aproximam vigorosamente a estética filosófica da crítica de arte (não seria errôneo dizer que a produção de

Greenberg chega à filosofia a partir da crítica de arte, enquanto a de Danto chega à crítica de arte a partir da filosofia).

Todos os capítulos deste livro são resultado de reformulações de textos apresentados no 11º Congresso Internacional de Estética — Brasil, “Gosto, interpretação e crítica”, realizado na UFMG em setembro de 2013, contendo a maioria das palestras e uma seleção das comunicações.

Em “As Conversões de São Paulo de Caravaggio: duas obras, vários enigmas”, André Dela Vale, Artieres Estevão Romeiro e Bruno Pucci propõem uma interpretação das duas versões da Conversão de São Paulo, a partir da *Teoria estética* (2011), de Theodor Adorno, à luz do princípio adorniano segundo o qual “uma obra de arte é inimiga mortal da outra”.

Bruno Almeida Guimarães, em “Danto, a crítica do gosto e a crítica da crítica”, questiona os limites políticos do aparente pluralismo e tolerância de Arthur Danto, embora reconheça a importância da tese defendida por este de que qualquer coisa deve poder ser uma obra, uma arte.

Em “Sentido, sentimento e natureza: pressupostos para a constituição do gosto na estética pré-moderna”, Carla Milani Damiano apresenta a discussão sobre o gosto no surgimento da Estética Moderna, considerando como base desta uma remissão a autores, artistas e filósofos clássicos e renascentistas que serviram como fonte teórica aos que distinguiram inicialmente o gosto em associação com os sentidos e com o sentimento.

Cíntia Vieira da Silva, em “Francis Bacon pintor do corpo sem órgãos” procura mostrar como o conceito deleuziano de corpo sem órgãos torna-se frutífero para apreciar as telas de Francis Bacon, ao mesmo tempo em que a pintura de Bacon permite a Deleuze reativar um conceito de imagem alternativo aos pressupostos da representação.

Em “Sobre as regras do jogo da arte contemporânea: da participação à implicação”, Fabíola Silva Tasca pretende pensar uma nova orientação sobre a Estética que seja capaz de superar a tradicional dualidade entre teoria da arte e teoria da sensibilidade herdada do debate estético moderno, sobretudo da estética kantiana, a partir da obra de Gilles Deleuze.

Fiona Hughes, em “Um potencial político no juízo estético reflexivo: Kant, Hannah Arendt e a *Pequena Esparta* de Ian Hamilton Finlay”, explora a conjunção entre estética e política na maneira como o juízo estético kantiano promove a particularidade como meio de acesso ao universal e na defesa arendtiana de uma política do gosto. Em sintonia com

tais conceitos, Hughes analisa o jardim-instalação de Ian Hamilton Finlay intitulado *Pequena Esparta*.

João Pedro Cachopo, em “A emancipação do espectador, de Nietzsche a Rancière: para uma genealogia heterodoxa da política da arte”, procura esboçar uma genealogia um tanto quanto heterodoxa do lugar do espectador, e discutir as implicações políticas deste deslocamento de perspectiva.

Em “Gosto e democracia das emoções”, Josef Früchtl mostra em que medida os regimes democráticos e sua teoria foram progressivamente conferindo importância às ideias de comunicação e compreensão emocional, em detrimento do caráter exclusivo da disputa racional; o autor defende que a experiência estética tem um papel primordial no desenvolvimento dessa compreensão.

Luiz Camillo Osorio, em “Desafios da crítica na era dos museus: curadoria como exercício relacional”, discute as consequências da concomitância entre a proliferação de museus de arte contemporânea e o recrudescimento da crítica.

Em “As incursões de Foucault pela crítica literária: o autor e a obra em questão”, Marco Antônio Sousa Alves apresenta a inserção de Foucault no terreno da crítica literária, centrando-se na recusa de primazia analítica à figura do autor, no abandono do “mito da criação” (Blanchot), para dar lugar à descoberta de que apenas um sujeito fala na literatura: o livro em si mesmo.

Miguel Gally, em “Arte visual como arquitetura em Nicolas Bourriaud: sobre comunicação, política e espaço”, explorar o caráter contraditório dos conceitos de interstício social e zonas de comunicação, apresentados por Bourriaud em *Esthétique relationnelle*, investigando se e até que ponto tal contradição é apenas aparente.

Em “Prazer estético: um velho (des)conhecido”, Pedro Dolabela Chagas propõe uma apreciação analítica do prazer que visa ajudar-nos a livrá-lo da condenação moral que historicamente o tem limitado a uma posição clandestina no debate estético, permitindo colocar em relevo a sua influência tanto na formação do gosto (individual ou coletivo), quanto no delineamento das experiências estéticas singulares que dão substrato à interpretação e à crítica das obras de arte.

Pedro Duarte, em “O conceito de crítica de arte na origem do Modernismo brasileiro”, defende a hipótese de uma filiação do Modernismo

brasileiro com o Romantismo alemão de Iena, em função da importância do conceito e da prática da crítica em ambos os movimentos.

Rachel Cecília de Oliveira Costa, em “O problema da desmaterialização na arte contemporânea”, analisa a incongruência entre a produção e a compreensão da arte no ocidente a partir do problema da negação da materialidade ou a questão da efemeridade da obra de arte.

Em “Entre a estética nazista e a nova música: a ambivalência de Wagner segundo Adorno”, Rainer Patriota retoma as análises adornianas em torno da obra de Wagner, ressaltando o desafio enfrentado por Adorno para equilibrar a apreciação técnica do material musical de um compositor moderno com o julgamento estético de uma obra que se tornaria indissociável do hitlerismo.

Rodrigo Duarte, em “Decifrando tecnoimagens: interpretação como crítica em Vilém Flusser”, parte do diagnóstico de que os termos “interpretação” e “crítica” foram usados de maneira excludente por grande parte dos filósofos no século XX, por influência dos conflitos entre hermenêutica e marxismo. Em Flusser, há complementaridade entre esses termos, o que é um dos elementos que o singularizam no panorama da filosofia contemporânea.

Em “Gosto como crítica. A implicação necessariamente subjetiva do juízo de gosto”, Verlaïne Freitas analisa as clivagens a que a atividade judicativa envolvida no gosto dá ensejo: entre sujeito e objeto, entre diversos objetos avaliados diferentemente, entre distintos sujeitos eventualmente avaliados em função daquilo de que gostam. Tal problemática é tratada por meio da retomada de conceitos de Hutcheson, Kant, Adorno, Nietzsche, Perniola e Freud.

Vladimir Vieira, em “David Hume e a necessidade do gosto”, aproxima o problema colocado por Hume em *Do padrão do gosto* (1757) àquele que Kant formula na antinomia da *Crítica da faculdade do juízo* (1790), e mostra que a solução de Hume pode ser compreendida a partir de princípios mais gerais de sua filosofia, especialmente sua concepção de conexão necessária, e que ela pressupõe uma noção de gosto mais abrangente que a de Kant.

O congresso *Gosto, interpretação e crítica* se somou à série de eventos realizados pela linha de pesquisa Estética e Filosofia da Arte do Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFMG, que desde 2009 trabalha em ação conjunta com o Programa de Pós-graduação em Estética e Filosofia da Arte da UFOP.

Gostaríamos de agradecer a todos os autores dos textos que fazem parte desta coletânea, aos organizadores do congresso, às inúmeras pessoas que colaboraram na realização do evento, à CAPES, ao CNPq e à FAPEMIG pelo apoio financeiro, à Relicário Edições, aos Departamentos de filosofia da UFMG e da UFOP, e aos programas de pós-graduação em filosofia dessas universidades.

Verlaine Freitas (UFMG)

Rodrigo Duarte (UFMG)

Giorgia Cecchinato (UFMG)

Cíntia Vieira da Silva (UFOP)